

## **A INVENÇÃO DO SOLAR DO BARÃO. A gravura brasileira em Curitiba**

Artur Freitas  
(Universidade Estadual do Paraná)

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo mapear as principais convergências estéticas e políticas responsáveis, entre fins dos anos 1970 e início dos 1980, pela criação do Centro Cultural Solar do Barão, em Curitiba, no Paraná. Sede do Museu da Gravura, dos atuantes ateliês da Fundação Cultural de Curitiba e das extintas Mostras da Gravura, o Solar do Barão não apenas centralizou por décadas o ensino, a preservação e a difusão da gravura no Paraná, como não tardou a ser visto, nas décadas seguintes, como um dos principais pólos nacionais de institucionalização da gravura no Brasil.

**Palavras-Chave:** arte brasileira; gravura; Centro Cultural Solar do Barão

**Abstract:** This paper analyzes the main aesthetic and political actions responsible for creating the Centro Cultural Solar do Barão between late 1970's and early 1980's, in Curitiba City, Paraná. The Solar do Barão is headquarters of the Museu da Gravura, engraving studios of the Fundação Cultural de Curitiba and the extinct Mostras da Gravura. As a cultural institution, the Solar do Barão was the main organization responsible for education, preservation and diffusion of engraving in Paraná, and it was seen as a leading national centers of institutionalization of engraving in Brazil.

**Keywords:** Brazilian art; engraving; Centro Cultural Solar do Barão

Sede do Museu da Gravura, dos atuantes ateliês da Fundação Cultural de Curitiba e das extintas Mostras da Gravura, o Centro Cultural Solar do Barão não apenas centralizou por décadas o ensino, a preservação e a difusão da gravura no Paraná, como foi o principal órgão responsável, com o passar dos anos, pela transformação de Curitiba num dos principais centros de gravura do país. Criado no início dos anos 1980, o Solar do Barão surgiu a partir de uma curiosa confluência de interesses artísticos nacionais e interesses políticos locais. Antes dessa conjuntura, a gravura ocupava um lugar secundário no contexto da arte moderna paranaense, ao menos do ponto de vista institucional. Do Centro de Gravura do Paraná, criado em 1951, ao ateliê de gravura do Centro de Criatividade de Curitiba, ativo nos anos 1970, a notável carência infra-estrutural para a prática da gravura no Estado, caracterizada pela precariedade ou ausência de oficinas, ensino e mercado, fez do surgimento do Solar do Barão um importante caso a se analisar, ainda mais se considerarmos o impacto nacional

que a instituição rapidamente conquistou em seus primeiros anos de vida. Desse modo, este artigo tem por objetivo mapear as principais convergências estéticas e políticas responsáveis, entre fins dos anos 1970 e início dos 1980, pela criação do Centro Cultural Solar do Barão – que não tardaria a ser visto, nas décadas seguintes, como um dos principais pólos nacionais de institucionalização da gravura no Brasil.

### **A I Mostra da Gravura e o I Seminário**

O Centro Cultural Solar do Barão surgiu a partir da confluência direta de dois eventos simultâneos: um salão de arte – a I Mostra da Gravura – e um fórum de debate – o I Seminário de Gravura, ambos de 1978. O projeto de se instituir um salão de arte voltado especificamente à gravura remonta ao final dos anos 1960, quando o artista paranaense Fernando Calderari coordenava em Curitiba o recém-criado Ateliê Poty Lazzarotto, e o gestor cultural Ennio Marques Ferreira ainda dirigia o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Governo do Paraná. Tal projeto coincidia com um momento de intensa influência no Paraná do Ateliê de gravura do MAM do Rio de Janeiro, que na década de 1960 vivia o seu período mais fecundo<sup>1</sup>. Passados alguns anos, foi o próprio Ennio Marques, agora diretor da Fundação Cultural de Curitiba, quem deu sequência à ideia de um salão e articulou, em 1978, a implantação efetiva de uma Mostra da Gravura, de alcance nacional. Tratava-se, ao que parece, não apenas do primeiro salão instituído pela Fundação Cultural, como também do primeiro certame especializado em gravura a ser realizado no Brasil<sup>2</sup>. Criada com o objetivo manifesto de “transformar Curitiba no principal núcleo de irradiação da arte da gravura no Brasil”, a I Mostra da Gravura foi “um projeto viabilizado depois de dez anos de tentativas frustradas”<sup>3</sup>. Como afirmou Ennio Marques,

Remonta à época de efervescência do recém-criado atelier Poty Lazzarotto o projeto – sempre adiado – de um Salão, pioneiro, voltado exclusivamente para a gravura. Decorridos dez anos, a Municipalidade encampou a idéia, instituindo a Mostra Anual de Gravura através da Fundação Cultural de Curitiba, contando com o prestigiamento [sic] dos setores ligados às artes plásticas do MEC e à imprescindível adesão dos mais importantes gravadores brasileiros da atualidade<sup>4</sup>.

Quando chegou o momento, o projeto foi divulgado pelos quatro cantos do país e conquistou a simpatia de diversos setores do circuito de arte nacional<sup>5</sup>. Bancada pela

Fundação Cultural de Curitiba com o apoio do Instituto Nacional de Artes Plásticas da Funarte, a Mostra abriu suas portas no dia 23 de novembro de 1978, no Centro de Criatividade, e contou com a participação de 134 trabalhos de 45 gravadores brasileiros convidados pela própria Fundação. O júri, composto por Abelardo Zaluar, Eduardo Rocha Virmond e Marc Berkowitz, premiou quinze artistas, que juntos dividiram o total de mais de 100 mil cruzeiros oferecidos pelas entidades promotoras<sup>6</sup>.

A maioria dos artistas premiados vinculava-se direta ou indiretamente ao contexto da gravura carioca, o que não só demonstrava uma certa convergência poética, como evidenciava um círculo de relações que sem dúvida passava pela mediação de Fernando Calderari e Ennio Marques, que nos anos 1960 haviam iniciado um contato direto com o MAM do Rio. Dos quinze artistas premiados na I Mostra da Gravura, nada menos que onze deles eram cariocas ou haviam se formado no núcleo de gravura do Rio de Janeiro – sem contar Calderari, ex-aluno do MAM e agora também premiado. Entre os “cariocas” da I Mostra, enfim, havia gente como Anna Letycia, Rossini Perez, Roberto De Lamonica, Anna Bella Geiger e Fayga Ostrower, ou seja, artistas que haviam efetivamente lecionado no MAM dos anos 1960, além de um artista como Antonio Grosso, que ainda lecionava gravura no Rio, embora no Parque Lage<sup>7</sup>. Conclusão: como já havia acontecido com os Salões Paranaenses do início dos anos 1960, a presença decisiva de gravadores do Rio nas primeiras Mostras da Gravura de Curitiba em fins dos anos 1970 acabou por recolocar, ainda que em nova chave, a experiência da abstração informal. Baseada no caráter expressivo das texturas, da matéria e da gestualidade, a visualidade informalista da geração 1960, aí incluída a do próprio Fernando Calderari, marcaria os gravadores paranaenses durante boa parte dos anos 1980, o que ficaria visível desde as primeiras Mostras da Gravura.

Entre os dias 24 e 25 de novembro de 1978, por ocasião da I Mostra, teve lugar no Centro de Criatividade de Curitiba o I Seminário de Gravura, também organizado por Ennio Marques. Com a ambição de debater “a problemática da gravura de arte, os rumos da Mostra da Gravura, as perspectivas profissionais do artista e as opções para a preservação da memória da gravura”, o Seminário consistiu num conjunto de mesas-redondas que reuniu em Curitiba importantes gravadores, colecionadores e críticos nacionais como Alberto Beutenmüller, Anna Letycia, Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves, Marcelo Grassmann, Marília Rodrigues, Odetto Guersoni, Orlando DaSilva, Rubens Gerchman, entre outros<sup>8</sup>. Durante dois dias seguidos, esse grupo de trabalho se reuniu em tempo integral e teve a virtude de pôr em questão o estado atual e futuro da gravura. Ao final do processo, para sintetizar o resultado

dos debates, os principais participantes do I Seminário publicaram uma série de reivindicações a respeito da regulamentação, divulgação e preservação da gravura no Brasil.

No campo da regulamentação, o artista e colecionador Odetto Guersoni redigiu um documento sintomático intitulado “Carta-advertência sobre a gravura atual”<sup>9</sup>. Basicamente corporativo e protecionista, o texto é também um testemunho de fé na força quase mágica das convenções da gravura tradicional. De saída, o documento condena todos os “processos de tradução, de reprodução fotomecânica e mesmo de impressão off-set”, ali vistos como uma espúria e intolerável ameaça à chamada “gravura original”. Para o autor, a “massificação total” desses processos bastardos de impressão deveria ser combatida pelos “organismos estatais” através de um rigoroso “controle de autenticidade”. Diante disso, o texto chama para si a messiânica tarefa de “proteger e preservar a gravura brasileira” e passa a propor uma série de “normas para a disciplinação [sic] e conceituação da gravura no Brasil”. A “gravura original”, lemos, só é original se “o próprio artista” fizer “a matriz em metal, madeira, pedra ou outro material”. Ou seja: só o gravador – essa espécie de rei Midas da gravura – é capaz de assegurar, pelo toque de ouro de suas mãos, a autenticidade de suas matrizes. Compreendido isso, todas as demais explicações do texto sobre tiragem, número de série, assinatura, provas de estado e fichas de autenticidade surgem como meras variações de um mesmíssimo tema: a questão de se preservar, com o apoio do estado, a “originalidade” da gravura, garantindo assim o seu valor de mercado<sup>10</sup>.

Já no campo da divulgação e da preservação da gravura no Brasil, os participantes do I Seminário se concentraram em três propostas, publicadas em forma de abaixo-assinado:

1. Que a mostra [da Gravura] seja realizada anualmente.
2. Que junto à mostra seja realizada um encontro de artistas, gravadores, críticos, colecionadores e demais interessados diretos.
3. Que as aquisições sejam canalizadas para o Museu de Gravura, com sede nesta capital, para que não se perca o excelente acervo de doações já confirmadas<sup>11</sup>.

Graças a uma bem sucedida confluência de interesses entre gravadores, galeristas, colecionadores de gravura e uma determinada instância do poder público, todas as três propostas levantadas no I Seminário de Gravura acabaram acolhidas pela Fundação Cultural e tiveram um papel importante na criação de um espaço dedicado à gravura brasileira. Enquanto existiu, de 1978 a 2000, a Mostra da Gravura foi responsável por atrair gravadores de todo o país, chegando a atingir uma escala inclusive internacional nos anos 1990<sup>12</sup>. Consolidada, a Mostra tornou-se a panaceia dos gravadores, que até então viam nos salões genéricos apenas

um lugar “onde a gravura fica sempre com os prêmios menores”, como chegou a reclamar Anna Letycia<sup>13</sup>. Além disso, em atenção às propostas do I Seminário, a Mostra não só manteve em todos esses anos uma certa periodicidade – sendo anual até 1982 e passando a ocorrer de dois em dois anos desde então – como realizou de fato diversos encontros entre artistas, críticos e colecionadores.

De toda forma, foi precisamente a terceira proposta, baseada na criação de um Museu da Gravura em Curitiba, que garantiu à arte da gravura um espaço institucional sem precedentes. Ao final do I Seminário, aliás, foi publicado um segundo documento, mais específico, em que os debatedores propunham “que, ao término deste Encontro, seja encaminhado às autoridades locais a ideia de um Museu de Gravura, que viria transformar a cidade de Curitiba no centro cultural de absorção de tudo o que nesse setor foi e vem sendo realizado em nosso país”<sup>14</sup>. A questão era tratada com urgência, e antes mesmo do encerramento do evento, o Museu, ou melhor, seu acervo, já começava a se desenhar. No último dia do Seminário, em 25 de novembro de 1978, Carlos Scliar, um dos artistas convidados da I Mostra da Gravura, doou para a Fundação Cultural todas as suas serigrafias expostas no Centro de Criatividade, aí incluído o álbum “Os telhados de Ouro Preto”, dando início à coleção do futuro Museu da Gravura<sup>15</sup>. Na mesma linha, Anna Letycia, premiada na Mostra, também ofereceu três de seus trabalhos para a Fundação. Mas foi mesmo a colecionadora paulista Yara Cohen quem fez a diferença quando, entre obras de Livio Abramo, Carlos Oswald e Maria Bonomi, doou um total de 170 gravuras ao Museu – mais da metade de um acervo que então nascia com quase 300 obras<sup>16</sup>. A exigência da doação de Yara, contudo, era que se formasse um espaço museológico específico para a gravura, até então inexistente em Curitiba ou mesmo no Brasil<sup>17</sup>.

Ao final da I Mostra, e apesar do acervo efetivamente disponível, o Museu da Gravura ainda não existia, e sequer tinha sede, mesmo que provisória. O Centro de Criatividade, onde ocorrera a mostra e onde funcionavam os cursos de gravura, era ocupado por ateliês de todo tipo e não parecia adequado às exigências museológicas. Além disso, mais do que uma reserva técnica, o Museu deveria comportar ainda um Centro de Documentação especializado em gravura, além de um ateliê de restauro dedicado à preservação das obras do acervo<sup>18</sup>. Na contramão das dificuldades, contudo, a previsão de instalação do Museu parecia tão certa, ao final da I Mostra, quanto o próprio futuro da gravura:

Dentro de dois meses deverá estar instalado o Museu Nacional da Gravura em Curitiba. Segundo Ennio Marques Ferreira, presidente da Fundação

Cultural que organizou o seminário e a primeira mostra anual da gravura, a entidade já está preparando uma mensagem do prefeito que será encaminhada à Câmara Municipal para aprovação. Ele acredita que até janeiro [de 1979] a ideia do museu estará consolidada e há, inclusive, projeto de ocupação de um dos pavimentos do Solar do Barão do Serro Azul, da Prefeitura, emprestado atualmente para o exército<sup>19</sup>.

Apesar do otimismo, o processo de implantação do Museu não foi assim tão rápido. De qualquer forma, o período passado entre a proposta e a implantação teve ao menos a serventia de aproximar, com o tempo, duas forças complementares: de um lado, um anseio museológico, nascido durante os debates do I Seminário, e de outro, uma vontade de construir, em Curitiba, um espaço institucional para o ensino e a difusão da gravura brasileira.

### **A casa em obras: um quartel para a arte**

Como vimos, data de novembro de 1978 o projeto de formação de uma instituição voltada estritamente para a gravura em Curitiba, particularmente para a implementação de um Museu de Gravura de caráter nacional. Entretanto, na contramão da previsão otimista que presumia uma instalação rápida do novo espaço, a passagem de 1978 a 1979 foi marcada pela alternância de poder no nível municipal em Curitiba, o que sem dúvida contribuiu para o ligeiro atraso do processo. Em 1979, depois de quatro anos, Jaime Lerner retornava à prefeitura em lugar do prefeito Saul Raiz, que governara a cidade desde 1975. De 1971 a 1982, a sequência Lerner-Raiz-Lerner consistiu num longo processo de continuidade política da ARENA, o que não impediu, por outro lado, que a partir de 1979 Ennio Marques, mentor da I Mostra e do I Seminário, fosse obrigado a deixar a direção da Fundação Cultural nas mãos de um novo diretor, o publicitário e advogado Sérgio Mercer.

Nesse meio tempo, segundo consta, a influente artista e gravadora Fayga Ostrower teria solicitado pessoalmente ao prefeito Jaime Lerner um espaço em Curitiba para a gravura brasileira<sup>20</sup>. Solidário à iniciativa, Lerner acabou encampando a proposta, que seria viabilizada por intermédio da Fundação Cultural. Desde então, Sérgio Mercer ficou responsável por dar continuidade ao projeto iniciado por Ennio Marques, e para tanto contou com a colaboração política de Lidia Dely, ex-diretora da Casa Romário Martins e esposa de Rafael Dely, conhecido arquiteto, presidente da COHAB e colega de Lerner desde os tempos do IPPUC, quando então trabalharam juntos no plano diretor de Curitiba<sup>21</sup>.

Sensibilizada pela história de Ildefonso Pereira Correia – o Barão do Serro Azul –, Lidia Dely levou adiante o propósito de Ennio Marques de implantar o Museu da Gravura na antiga moradia baronial, o imponente casarão conhecido como Solar do Barão. No imaginário dos gravadores locais, mais que um importante industrial e político paranaense do século XIX, Ildefonso foi sobretudo um dos fundadores da Imprensa Paranaense, e como tal é tido até hoje como um dos primeiros litógrafos do Paraná. Assim, diante da ideia de se construir um espaço museológico específico para a gravura, não espanta que o Solar tenha se imposto, ainda muito cedo, como uma forte referência simbólica<sup>22</sup>.



O prefeito Jaime Lerner vistoriando o espaço do Solar do Barão, em 1980

Com o fuzilamento de Ildefonso, em 1894, o prédio perdeu sua função original, sendo ocupado pelo exército já em 1912, quando passou a sediar um quartel militar. Mais de sessenta anos depois, em 1975, graças a um acordo entre a prefeitura e o exército, o Solar do Barão passou às mãos da Fundação Cultural, enquanto o Quartel General da Quinta Região Militar foi transferido para uma nova sede, no bairro do Pinheirinho. Nos anos que se seguiram, o destino do Solar permaneceu incerto, e variou de nova sede do Salão Paranaense à eventual sede de um tal Museu da Cidade, que nunca chegou a existir<sup>23</sup>. No final das contas, disposto a atender a demanda da classe artística, e em especial o segmento dos gravadores, Lerner viu no Solar um espaço adaptável às propostas do I Seminário, e assim incumbiu a Fundação Cultural de adaptar o casarão às novas necessidades culturais.

Desse modo, em 1980, teve início o longo processo de reforma do Solar do Barão, agora sob a coordenação de Lidia Dely. As obras de restauro, que durariam até janeiro de

1983, ficaram a cargo do arquiteto Ciro Correia Lima, e coexistiram com o processo de implantação do novo espaço museológico dedicado à gravura<sup>24</sup>.

### **Do São Lourenço ao Solar: a Casa da Gravura**

Com o retorno de Jaime Lerner à prefeitura, as exigências do I Seminário, adiadas pela troca de mandato, começaram a reverberar apenas no final de 1979. Assim, foi preciso esperar pelo dia 19 de dezembro, data da abertura da II Mostra da Gravura no Centro de Criatividade, para que o prefeito Jaime Lerner, então responsável pela entrega dos prêmios aos vencedores do evento, tornasse público que, a partir de janeiro de 1980, enfim, começaria a funcionar no Solar do Barão uma nova instituição, batizada agora de Casa da Gravura. Imediatamente, os jornais se encarregaram de explicar o projeto:

Será uma grande oficina de gravação, com equipamentos, acervo de artistas de nome nacional e manterá um salão para exposições esporádicas. A intenção é reciclar o prédio muito rapidamente, e a medida que for passando por mudanças, habitá-lo. “Se fôssemos esperar todas as formalidades até ficar tudo pronto, iríamos habitá-lo somente daqui dois ou três anos”, comentou Lerner<sup>25</sup>.

O projeto, como se vê, procurava criar num só lugar um complexo museológico que comportasse não apenas o acervo conquistado a partir de 1978, como também um espaço expositivo, além de uma “grande oficina de gravação” – até então uma exclusividade do Centro de Criatividade de Curitiba<sup>26</sup>. Ao longo de 1980, durante o tempo de restauro do prédio, teve início o processo de implantação física e administrativa da instituição. Situado no centro de Curitiba e construído sobre um terreno de três mil metros quadrados, o Solar do Barão foi desde logo dividido em três setores principais chamados de “casas”: a Casa da Música, a Casa do Restauro e, de nosso interesse, a Casa da Gravura<sup>27</sup>. Segundo a coordenadora geral do Solar Lidia Dely, a Casa da Gravura abrigaria, “além das oficinas, da loja de gravuras, do Museu da Gravura e setores afins, o maior espaço para exposições da cidade”<sup>28</sup>. Como espaço expositivo, as Salas de Exposição da Casa da Gravura foram inauguradas em novembro de 1980, quando sediaram a III Mostra Anual de Gravura, que pela primeira vez ocorria fora dos espaços do Centro de Criatividade. “A III Mostra Anual de Gravura”, afirmava com orgulho Sérgio Mercer,



está de casa nova. Espaço que receberá o nome de Casa da Gravura, unidade da Fundação Cultural de Curitiba que será o pólo centralizador de todas as atividades concernentes à gravura, desde o cultivo de suas raízes e memória até a formação de novos gravadores. Desde já a Casa da Gravura conta com um considerável número de obras representativas dos grandes nomes nacionais, havidas como herança das mostras anteriores<sup>29</sup>.

Em 1981, com o Solar do Barão ainda em reformas, a Casa da Gravura já estava em plena atividade e se dividia em três partes: o Setor de Pesquisa, o acervo e as oficinas – além de uma loja criada para o comércio específico de gravuras. Atento à preservação da memória da gravura brasileira, o Setor de Pesquisa e Documentação da Casa realizou naquele ano uma série de entrevistas com gravadores de destaque, de Fernando Calderari a Fayga Ostrower. Simultaneamente, o Museu da Gravura, ainda não oficializado, seguiu expandindo seu patrimônio e, entre obras premiadas na Mostra da Gravura e doações feitas por Marcelo Grassmann, Orlando DaSilva, Fayga Ostrower e Ennio Marques, incorporou mais de oitenta gravuras ao seu acervo. A Loja da Gravura, por sua vez, deu início ao processo de intermediação com o público comprador, enfatizando o comércio de caráter corporativo e estatal, como no caso das vendas de gravuras em lotes para o IPPUC, a COHAB e o BADEP. Mas foi mesmo com a nova oficina de gravura, responsável pela convergência humana e poética de gravadores locais e nacionais, que a Casa da Gravura pôde formar um espaço efetivo para a difusão da gravura, dando início a uma história que teria importantes desdobramentos nos próximos anos<sup>30</sup>.



Casa da Gravura nos jornais

Na passagem de 1980 a 1981, o ateliê de gravura do Centro de Criatividade foi transferido para a recém inaugurada Casa da Gravura. Com essa transferência, o Solar do Barão assumiu as funções do Centro e se tornou o principal pólo de produção e ensino da gravura em Curitiba. Nesse processo, contudo, não apenas um conjunto de prensas e pedras mudou de endereço, como o próprio staff de orientadores e frequentadores acompanhou a mudança, levando consigo um certo entendimento de gravura e de arte. O próprio Fernando Calderari, por exemplo, consolidou sua influência local e logo assumiu a primeira coordenação da Casa da Gravura, trazendo consigo suas alunas do Centro de Criatividade Rosane Schlögel e Uíara Bartira, que juntas passaram a orientar os ateliês de litografia e gravura em metal, respectivamente. Abertos em março de 1981, os dois ateliês seriam dali em diante o carro-chefe da Casa, centralizando a produção de gravura e atendendo a demanda do público interessado<sup>31</sup>.

Durante esse período, que se estende até o início de 1983 com a troca de governo, Calderari e as artistas de um grupo local curiosamente chamado O Grupo foram responsáveis pela gerência administrativa e sobretudo pela motivação poética da Casa<sup>32</sup>. A conexão com artistas e críticos de porte nacional ficava a cargo das Mostras Anuais da Gravura, que desde então se consolidavam como a maior vitrine para os gravadores de Curitiba. Entre outras coisas, as Mostras permitiam um confronto entre a produção local, dos ateliês, e a gravura de outros estados. “Isso dava um grau de comparação”, lembra-se Uíara: “a gente ia se espelhando no vizinho, ia melhorando aqui e ali”<sup>33</sup>. De 1978 a 1982, Fernando Calderari foi o principal nome paranaense nas Mostras, chegando a ser o coordenador geral da V Mostra em 1982, mas não sem antes ter exercido todos os papéis possíveis no evento, de artista premiado, em 1978, a membro do júri de premiação, em 1979 e 1980. Da mesma forma, as artistas vinculadas a O Grupo, embora bastante jovens, também se envolveram ativamente com as Mostras naqueles anos. De 1979 a 1982, ou seja, da II à V Mostra da Gravura, Denise Roman, Laís Peretti, Mazé Mendes, Rosane Schlögel, Sandra Correia e Uíara Bartira contabilizaram juntas treze participações e quatro premiações num intervalo de apenas quatro edições do evento, o que sem dúvida indica a proximidade que na época havia entre a atividade das oficinas e o poder de atração das Mostras<sup>34</sup>.

Nome de destaque nesse contexto, Uíara Bartira realizou, em 1982, aquela que seria a primeira exposição individual da Casa da Gravura. Na mostra, a artista apresentou obras recentes, entre gravuras em pedra e metal, e com elas explorou a diversidade gráfica das matrizes, atualizando à sua maneira a tradição informalista de seu entorno<sup>35</sup>. Nessas obras “o conteúdo gráfico não se determina nem se localiza no tema, mas no que define a forma em

sua essência”, chegou a comentar Calderari, dando um pouco o tom das discussões de arte que àquela altura circulavam nos ateliês do Solar<sup>36</sup>.

Nesses primeiros anos, os ateliês da Casa da Gravura logo se consolidaram como o principal meio de discussão – e de produção – da gravura em Curitiba. Instalado numa área central da cidade, o Solar do Barão atraiu de cara muito mais frequentadores que o já saudoso ateliê do Centro de Criatividade, que se situava em região periférica, no Parque São Lourenço<sup>37</sup>. Além disso, graças a um acordo institucional firmado em 1981 entre a Fundação Cultural e a Universidade Federal do Paraná, os estudantes universitários começaram a ter aulas de gravura no Solar, o que também contribuiu para o aumento de alunos<sup>38</sup>. Imersas nesse ambiente, Uiara e Rosane seguiam tocando os ateliês regulares, onde não apenas orientavam os alunos de metal e lito, como também trabalhavam como impressoras, imprimindo ou auxiliando na impressão das gravuras de todos os frequentadores do Solar<sup>39</sup>. No começo de 1982, com vistas à ampliação do rol de cursos regulares da Casa da Gravura, surgiu a ideia de se montar uma oficina de serigrafia. Tanque, telas e secadores a postos, o ateliê de serigrafia ficou sob a orientação de Antenor Penasso, e iniciou suas atividades no dia 15 de março de 1982, funcionando regularmente de terça à sexta, das 14 às 18 horas<sup>40</sup>. Por outro lado, nem só de cursos regulares vivia o Solar do Barão, e logo se tornou habitual ocorrerem cursos rápidos de gravura oferecidos por outros artistas e técnicos, geralmente convidados. Tais cursos, oferecidos muitas vezes em ritmo de workshop, tendiam a explorar algum aspecto técnico da já trabalhosa cozinha da gravura, e em geral eram frequentados por outros artistas, quando não por outros orientadores do próprio Solar, estabelecendo assim um ponto de trocas de experiências entre gravadores<sup>41</sup>.

Como se vê, o tempo de Fernando Calderari na coordenação da Casa da Gravura do Solar do Barão coincidiu com o momento de execução das propostas lançadas no I Seminário de Gravura. A influência de Calderari, já visível no Centro de Criatividade, ganhou agora ares institucionais, contando inclusive com a importante adesão de algumas das artistas vinculadas a'O Grupo. Foi um tempo de aprendizado técnico coletivo, de assimilação das minuciosas convenções da dita “gravura original” e, sobretudo, de formação de um espaço institucional sem precedentes, porque exclusivamente voltado à gravura brasileira. Graças à militância de diversos gravadores, bem como à necessária predisposição de alguns personagens da classe política local, uma série de ações práticas pôde enfim sair do papel. Ao cabo de poucos anos, em resumo, um prédio foi reformado, um acervo foi construído, as oficinas se expandiram, um centro de pesquisa foi criado e as Mostras da Gravura, tão incertas de início, não apenas

arregimentaram, com o tempo, os maiores gravadores do país, como mantiveram sua periodicidade anual.

### **A inauguração do Solar do Barão**

Era nove da noite, uma segunda-feira de verão, dia 31 de janeiro de 1983. Pessoas se aglomeravam nalguma sala daquele belo casarão do século XIX, bem situado no centro da capital paranaense. Havia uma atmosfera vagamente emotiva no ar, e o público, composto em sua maioria de artistas, políticos e personagens da cultura, aguardava a entrega solene do espaço. Em clima de fim de mandato, o prefeito Jaime Lerner falaria em seguida, mas foi a diretora Lidia Dely quem fez as honras e deu início a um discurso afetuoso, enfatizando o empenho de todos, operários e artistas, na construção da mais nova instituição cultural da prefeitura. Durante anos, destacou, a obra de restauração daquele espaço foi simultânea ao seu próprio processo de ocupação, e agora, com cara de dever cumprido, um ciclo parecia chegar ao fim.

Obra e ocupação. Isto quer dizer que por exatamente dois anos e oito meses tivemos aqui uma escola de vida. Nossos melhores colegas de trabalho foram os pedreiros, os carpinteiros, os pintores, o electricista, o mestre de obras. Sem eles, nada teria acontecido, ou melhor, tudo aconteceu a partir deles nestas salas semi-abandonadas e sujas: desde o extermínio de ratos em nossas provisórias salas de trabalho à instalação [das] provisórias instalações. Convivemos todos, operários, músicos, artistas, zeladores e guardiões dentro da maior harmonia e do maior respeito. Com a mesma dignidade as paredes eram raspadas e os violinos eram tocados. O pedreiro ouvia a flauta, o flautista ouvia os martelos e as betoneiras. Foi uma escola de vida, de desprendimento. Quantas alegrias e algumas doenças por causa da calça e do pó. Mas quantas alegrias ao ver cada milímetro quadrado renascer do cinza escuro do antigo quartel. Quanta alegria ao ver seu Aristides, o mestre de obras, chegar de braços com a esposa para a abertura de uma mostra de gravura<sup>42</sup>.

Com a abertura de uma exposição de gravuras do seu próprio acervo, o Solar do Barão estava oficialmente inaugurado, e com ele todos os espaços da Casa da Gravura. Aquilo tudo, assim parecia, era a concretização dos projetos de outrora de Ennio Marques, o desenlace daquele memorável I Seminário e, sobretudo, o encerramento de todo um ciclo poético e político que tinha em Lidia Dely, Fernando Calderari, Uiara Bartira e Rosane Schlögel as suas figuras de proa.

Nesse meio tempo, de 1978 a 1982, as Mostras da Gravura foram a principal forma de contato com o contexto mais amplo da gravura brasileira. Para alguns, naquele contexto, a gravura deveria acompanhar os novos meios de reprodução, do fax ao xerox, sem qualquer pudor. Já para outros, gravar era um ato quase sagrado que remontava às doutrinas medievais, e como tal deveria permanecer ligado às suas velhas matrizes, sem mais complicações. De um jeito ou de outro, no entanto, era mesmo inevitável perceber que a gravura, uma vez descartada pelo conceitualismo dos anos 1970, retornava nos 80 com forças renovadas, partilhando da dita retomada aos suportes tradicionais, embora sem o ímpeto e a grandiloquência da pintura. Modernista na forma e conservadora na técnica, a gravura das primeiras Mostras reiterava em obra a questão elementar da autonomia. Como um Greenberg de ponta cabeça, o gravador Orlando DaSilva chegou até a defender, por exemplo, o retorno à gravura de pasta, em desobediência ao império – tirânico, segundo ele – da pintura. O gravador de hoje, disse com todas as letras, precisa abandonar “a gravura de parede que, como escrava submissa, passou a adotar as leis da pintura, renegou sua família e desvirtuou seu mundo”<sup>43</sup>.

Desse modo, embora menos severas que na perspectiva purista de Orlando, as regras autônomas da gravura estiveram presentes desde o início, e formaram a base das primeiras Mostras. Da primeira à quarta edição, vale notar, somente gravuras em metal, pedra ou madeira eram admitidas em regulamento, e ainda somente se fosse mantido o formato máximo de 80 x 80 cm. Nada de extravagâncias, novas mídias ou escalas disformes, portanto. Assim, apenas na V Mostra, de 1982, a última da era Calderari no Solar, foi que se ouviu um pequeno sinal dos tempos: de uma hora para outra, as indicações de matriz obrigatória foram suprimidas do regulamento, o que decerto indicava um afrouxamento, mínimo mas necessário, nas rigorosas prescrições da tal “gravura original”<sup>44</sup>. Antes disso, a gravura – ou melhor, a “gravura de arte”, como se dizia – era coisa certa, metal, pedra, madeira e pronto, obra de muitos segredos, caldeirão mágico de ácidos, goivas e lápis gordurosos, cada qual na mão de um bruxo gravador.

Ainda em 1982, outra transformação importante: buscando expandir o raio de ação das Mostras, o júri da V edição, coordenado por Calderari e formado por Carlos Scliar, Fayga Ostrower, Danúbio Gonçalves e Constantino Viaro, decidiu, sem meias palavras, “transformar a Mostra Anual da Gravura em Bienal Panamericana da Gravura”<sup>45</sup>. A ideia era iniciar um intercâmbio com outros centros de gravura da América, o que implicava em dar mais tempo de preparo aos organizadores, aumentando o intervalo entre as edições. E de fato, de 1984 a

1992 as Mostras da Gravura foram regularmente bienais, e acabaram mesmo se abrindo a uma dimensão internacional, sobretudo a partir de 1992.

Por ora, contudo, cumpre apenas entender a inauguração oficial do Solar do Barão, e em particular da Casa da Gravura, como o símbolo mais evidente desse momento, ao menos em sua fase inicial. Do ponto de vista político, eram tempos de mudanças, e a entrega do Solar foi um dos últimos gestos assinados pelo governo Lerner. Em pleno processo de abertura política, o PMDB de Maurício Fruet assumiu ainda em 1983 a prefeitura de Curitiba, quebrando assim uma sequência de muitos anos de governo da ARENA (PDS), e alterando, por extensão, todo o quadro de cargos de confiança, aí incluída a Fundação Cultural e o próprio Solar. Mais voltada, no entanto, aos trabalhos culturais destinados às escolas e bairros da periferia, a Fundação da era Fruet, agora nas mãos de Carlos Marés, demorou para definir uma política para o Solar do Barão, criando uma situação indefinida ao longo de 1983. Em agosto daquele ano, Uiara Bartira pediu demissão do cargo de orientadora e em seguida foi aos jornais denunciar o que via como o descaso do governo em relação à Casa da Gravura. “Há dois meses a Casa não recebe qualquer material”, alertou, “os convites para as exposições foram cortados e a reivindicação de uma sala climatizada para preservar a riquíssima coleção de gravuras que possui foi considerada desnecessária”. Até o momento, prosseguiu Uiara, ainda não foi indicado um novo coordenador para a Casa, e “a coordenação interina, exatamente porque é interina, não tem condições de fazer nada, não tem como reivindicar e nem como iniciar novos trabalhos”<sup>46</sup>. Era uma questão de tempo.

No dia 27 de agosto de 1983, Laís Peretti, ex-integrante do já extinto O Grupo, assumiu a coordenação da Casa da Gravura, pondo fim àquele período de transição política e administrativa<sup>47</sup>. Uiara Bartira, Rosane Schlögel e Fernando Calderari já não estavam mais nos ateliês, e os orientadores, contratados como prestadores de serviço, foram substituídos sem demora. Centrada na ideia de democratizar a experiência artística, típica aliás do governo peemedebista, Laís Peretti não poupou esforços para dinamizar os espaços da Casa, ampliando a divulgação dos ateliês e inclusive incentivando o comércio da gravura. Graças à atuação da Casa da Gravura, o Solar do Barão já se estabelecera, àquela altura, como pólo nacional de produção, difusão e conservação de gravura. Com a concretização efetiva das propostas do I Seminário, as bases institucionais da gravura estavam enfim postas, e um ciclo histórico se fechava. Todavia, ainda restava compreender qual seria, a partir de então, o lugar ocupado pela gravura no contexto da arte contemporânea brasileira, e que papel eventualmente exerceria o Solar do Barão – aí incluídas a Casa da Gravura e as Mostras da Gravura – no interior de um contexto cultural cada vez mais propício à hibridização dos meios expressivos. Mas essa já é outra história.

## Fontes e Referências

- A gravura de Orlando. *Correio de Notícias*, Curitiba, 10 ago. 1977.
- AYALA, Waldir. Carta a Ennio Marques Ferreira. Rio de Janeiro, 10 nov. 1978.
- BARTIRA, Uiara. Entrevista a Artur Freitas. Curitiba, 05 maio 2008.
- CALDERARI, Fernando. [Apresentação]. In: *Exposição de Uiara Bartira*, Curitiba, Solar do Barão, 30 jul. a 20 ago. 1982. Catálogo de exposição.
- Casa da Gravura atua já em janeiro. *Correio de Notícias*, Curitiba, 21 dez. 1979.
- Casa da Gravura reabre cursos em novo atelier. *Diário do Paraná*, Curitiba, 20 fev. 1981; Em março, o curso na Casa da Gravura. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 fev. 1981.
- DASILVA, Orlando. *A arte maior da gravura*. São Paulo: Espade, 1976.
- \_\_\_\_\_. Mostra anual de gravura: breve depoimento. 5 folhas, datilogr., set, 1982 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- Decisão do júri. In: *V Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba*, Curitiba, Centro de Criatividade, 16 set. a 17 out. 1982, p. 11. Catálogo de exposição.
- DELY, Lidia. Casa da Gravura. 3 folhas, datilogr., Curitiba, nov. 1981 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- \_\_\_\_\_. [Discurso de inauguração do Solar do Barão], 2 folhas, datilogr., [31 jan. 1983], transcrito em: Inauguração do Solar do Barão – exposição do acervo da Casa da Gravura, datilogr., Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1983 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- Em Curitiba, o “Solar do Barão” se transforma em centro cultural. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 set. 1981.
- Encontro propõe Museu Nacional de Gravura. *Estado de São Paulo*, 29 nov. 1978.
- FERREIRA, Ennio Marques. [Apresentação]. In: *I Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba*, Curitiba, Centro de Criatividade, 23 nov. a 18 dez. 1978. Catálogo de exposição.
- \_\_\_\_\_. [Discurso de inauguração da I Mostra da Gravura], transcrito em: [Relatório geral da I Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba], datilogr., Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 23 nov. 1978 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- \_\_\_\_\_ et alii. [Abaixo-assinado], 1 folha, datilogr., 25 nov. 1978 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- \_\_\_\_\_ et alii. Criação do Museu da Gravura, 1 folha, datilogr., 25 nov. 1978 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- FREITAS, Artur. Gravura expandida: as Mostras da Gravura dos anos 1990. *Visualidades*, UFG, v. 8, 2010.
- Gravura tem mostra no Centro de Criatividade. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 dez. 1978.
- GUERSONI, Odetto. Carta-advertência sobre a gravura atual. 4 folhas, datilogr., [nov. 1978] (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão). Todas as próximas citações entre aspas presentes neste parágrafo foram retiradas deste mesmo documento.
- IPPUC: Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana de Curitiba.
- Lista de frequência do Curso de Impressão Litográfica, 1 folha, datilogr. com assinaturas manuscritas, Curitiba, Solar do Barão, 01 fev. 1982 (documento disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- MERCER, Sérgio. Mostra anual de gravura, ano 2. In: *II Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba*, Curitiba, Centro de Criatividade, 19 dez. 1979 a 20 jan. 1980. Catálogo de exposição.

- MERCER, Sérgio. [Apresentação]. In: *III Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba*, Curitiba, Solar do Barão, 06 nov. a 07 dez. 1980. Catálogo de exposição.
- MILLARCH, Aramis. Rafael, a dimensão do homem e técnico. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 11 jan. 1980.
- Mostra pode virar lei. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 28 nov. 1978.
- Museu da gravura. *Correio de Notícias*, Curitiba, 28 nov. 1978.
- Museu da Gravura – considerações para elaboração do ante-projeto. Curitiba, 1 folha, datilograf., Curitiba, 1978 (documento disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- Museu de Gravura está só no papel. *Correio de Notícias*, Curitiba, 13 fev. 1979.
- Relatório [semestral] de atividades das Oficinas de Gravura. 2 folhas, datilogr., Curitiba, Solar do Barão, 30 jun. 1982 (documento disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão). Vale lembrar ainda que somente em 1982 a Mostra da Gravura, então em sua quinta edição, aceitou inscrições de serigrafias.
- Relatório Anual de Atividades da Casa da Gravura, 7 folhas, datilogr, Curitiba, [nov.] 1981 (assinado por Lidia Dely e disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- Relatório das atividades da coordenadoria e oficinas da Casa da Gravura, 3 folhas, datilogr, Curitiba, 31 out. 1983 (assinado por Laís Peretti e disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- Relatório geral da I Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba, datilogr., Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, s.d. [1978-9] (disponível no volume do ano de 1978 dos Encadernados do Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- ROMAN, Denise. Entrevista a Artur Freitas. Curitiba, 29 abr. 2008.
- SCLIAR, Carlos. Carta a Ennio Marques Ferreira. Curitiba, 25 nov. 1978.
- Seminário analisou situação integral da nossa gravura. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 nov. 1978.
- Solar do Barão: obras de restauração começam logo. *Diário Popular*, Curitiba, 16 ago. 1980.
- TAVORA, Maria Luisa Luz. O ateliê livre de gravura do MAM-Rio – 1959/1969: projeto pedagógico de atualização da linguagem. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EBA – UFRJ*, Rio de Janeiro, nº 15, 2007.
- Uiara Bartira Mauad expõe gravuras no Solar do Barão. *Diário do Paraná*, Curitiba, 01 ago. 1982.
- Um museu nacional para valorizar a gravura. *Folha de São Paulo*, 28 nov. 1978.
- Um quadro ameaçador na gravura. *Jornal do Estado*, Curitiba, 13 ago. 1983.

---

<sup>1</sup> Os Salões Paranaenses de 1961, 1962 e 1963 foram amplamente dominados por obras informais, sendo que boa parte desse predomínio foi motivado pela presença constante – e premiada – de gravadores abstratos. Vários daqueles gravadores atuavam no mais importante espaço de gravura do país, o influente Ateliê Livre de Gravura do Museu de Arte do Rio de Janeiro – o Ateliê do MAM do Rio, como ficou conhecido. E os números convencem: em apenas três anos, de 1961 a 1963, artistas como Anna Bella Geiger, Anna Letycia, Farnese de Andrade, José Assumpção de Souza, Marília Rodrigues, Roberto De Lamonica e Walter Gomes Marques, todos saídos dos quadros da gravura informal do MAM do Rio, foram responsáveis por nada menos que 15 seleções e 10 premiações nos Salões Paranaenses, o que indicava uma certa confluência de interesses poéticos, para dizer o mínimo.

<sup>2</sup> Conforme o próprio Ennio, em: FERREIRA, Ennio Marques. [Discurso de inauguração da I Mostra da Gravura], transcrito em: [Relatório geral da I Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba], datilogr., Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 23 nov. 1978 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).

<sup>3</sup> Gravura tem mostra no Centro de Criatividade. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 10 dez. 1978.

<sup>4</sup> FERREIRA, Ennio Marques. [Apresentação]. In: *I Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba*, Curitiba, Centro de Criatividade, 23 nov. a 18 dez. 1978. Catálogo de exposição.



<sup>5</sup> Um exemplo: em carta a Ennio Marques, o crítico Walmir Ayala mostrou-se admirado “pela forma como este Salão de Gravura Cidade de Curitiba está sendo proposto, em sua infraestrutura administrativa e pela comunicação informativa, atingindo profissionalmente o grupo interessado”. Na mesma correspondência, o crítico chegou a desfiar uma série de recomendações sobre o desenvolvimento do certame, sugerindo a participação por convite, as premiações de caráter aquisitivo, uma curadoria temática e o funcionamento simultâneo de um ateliê de gravura. AYALA, Walmir. Carta a Ennio Marques Ferreira. Rio de Janeiro, 10 nov. 1978.

<sup>6</sup> Informações presentes em: [Relatório geral da I Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba], datilogr., Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, s.d. [1978-9] (disponível no volume do ano de 1978 dos Encadernados do Setor de Pesquisa do Solar do Barão).

<sup>7</sup> Sobre o Ateliê de gravura do MAM do Rio, sugiro: TAVORA, Maria Luisa Luz. O ateliê livre de gravura do MAM-Rio – 1959/1969: projeto pedagógico de atualização da linguagem. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EBA – UFRJ*, Rio de Janeiro, nº 15, 2007.

<sup>8</sup> Os objetivos foram enunciados em: FERREIRA, Ennio Marques. [Discurso de inauguração da I Mostra da Gravura], transcrito em: [Relatório geral da I Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba], datilogr., Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 23 nov. 1978 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).

<sup>9</sup> GUERSONI, Odetto. Carta-advertência sobre a gravura atual. 4 folhas, datilogr, [nov. 1978] (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão). Todas as próximas citações entre aspas presentes neste parágrafo foram retiradas deste mesmo documento.

<sup>10</sup> A contraposição rígida entre impressões “verdadeiras” e “falsas” através do conceito de “gravura original” era um raciocínio razoavelmente difundido na época, e consistia numa forma de defesa do valor artístico da gravura, através da autoria, bem como de seu valor mercadológico, através do controle limitado de reproduções. No Paraná, pouco antes de Odetto Guersoni, o gravador português Orlando DaSilva já se destacara como árduo defensor da “gravura original”. Em 1977, Orlando fez uma exposição individual no Museu Guido Viaro, ministrou um curso de gravura em metal no Centro de Criatividade e lançou o livro *Arte maior da gravura*. Num capítulo deste livro, sintomaticamente intitulado “O original e a cópia”, lemos: “A gravura original só admite a participação de um único artista na feitura da gravura. O desenho criativo tem que ser de sua autoria. O transporte para a matriz também. A técnica de gravação há de ser sua, admitindo-se o assessoramento de um técnico”. Para mais informações: A gravura de Orlando. *Correio de Notícias*, Curitiba, 10 ago. 1977; DASILVA, Orlando. *A arte maior da gravura*. São Paulo: Espade, 1976.

<sup>11</sup> FERREIRA, Ennio Marques et alii. [Abaixo-assinado], 1 folha, datilogr., 25 nov. 1978 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão). O documento é assinado por treze pessoas, entre as quais Alberto Beutenmüller, Anna Letycia, Carlos Scliar, Ennio Marques, Marília Rodrigues, Fernando Calderari, Odetto Guersoni e Orlando DaSilva.

<sup>12</sup> Sobre o assunto, cf: FREITAS, Artur. Gravura expandida: as Mostras da Gravura dos anos 1990. *Visualidades*, UFG, v. 8, 2010.

<sup>13</sup> Anna Letycia apud: Um museu nacional para valorizar a gravura. *Folha de São Paulo*, 28 nov. 1978.

<sup>14</sup> FERREIRA, Ennio Marques et alii. Criação do Museu da Gravura, 1 folha, datilogr., 25 nov. 1978 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão). O documento é assinado pelas mesmas treze pessoas do abaixo-assinado, citado acima.

<sup>15</sup> Como se lê em: SCLIAR, Carlos. Carta a Ennio Marques Ferreira. Curitiba, 25 nov. 1978.

<sup>16</sup> Informações presentes em: Encontro propõe Museu Nacional de Gravura. *Estado de São Paulo*, 29 nov. 1978; Um museu nacional para valorizar a gravura. *Folha de São Paulo*, 28 nov. 1978; Mostra pode virar lei. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 28 nov. 1978; Museu da gravura. *Correio de Notícias*, Curitiba, 28 nov. 1978; Seminário analisou situação integral da nossa gravura. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 28 nov. 1978. Yaya Cohen, cuja coleção teve início em 1966, era especialista no comércio de gravura brasileira e proprietária da galeria de arte Ars Mobile. Por outro lado, as informações numéricas relativas ao acervo do futuro Museu da Gravura são imprecisas e mesmo contraditórias, dado que dois anos depois, em 1980, outras fontes confirmariam um total que variava de 150 a 180 obras no acervo.

<sup>17</sup> BARTIRA, Uiara. Entrevista a Artur Freitas. Curitiba, 05 maio 2008.

<sup>18</sup> Como se lê em: Museu da Gravura – considerações para elaboração do ante-projeto. Curitiba, 1 folha, datilograf., Curitiba, 1978 (documento disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão). O Centro de

Pesquisa funcionaria provisoriamente em São Paulo, na Galeria Graphus, e estaria sob a coordenação do crítico Alberto Beutenmüller, que seria responsável pela coleta de informações, currículos, fotos de obras e depoimentos dos gravadores, dando início a um trabalho de preservação da memória da gravura brasileira que em seguida teria continuidade em Curitiba, quando o Centro seria então incorporado ao Museu da Gravura. Para mais informações: Encontro propõe Museu Nacional de Gravura. *Estado de São Paulo*, 29 nov. 1978; Um museu nacional para valorizar a gravura. *Folha de São Paulo*, 28 nov. 1978.

<sup>19</sup> Encontro propõe Museu Nacional de Gravura. *Estado de São Paulo*, 29 nov. 1978.

<sup>20</sup> Conforme: BARTIRA, Uiara. Entrevista a Artur Freitas. Curitiba, 05 maio 2008.

<sup>21</sup> IPPUC: Instituto de Planejamento e Pesquisa Urbana de Curitiba. Para mais informações sobre Rafael e Lidia Dely, consulte-se: MILLARCH, Aramis. Rafael, a dimensão do homem e técnico. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 11 jan. 1980.

<sup>22</sup> Ao que consta, a Impressora Paranaense surgiu em 1891 a partir da fusão entre a litografia de Ildefonso Pereira Correia e a tipografia do jornal *Dezenove de Dezembro*, de Cândido Lopes. VARGAS, Túlio. *A última viagem do Barão do Serro Azul*. 2ª ed. Curitiba: Juruá, 2008, p. 64.

<sup>23</sup> “Sempre se intencionou transformar o Solar do Barão na área oficial do Salão Paranaense” ou ainda “Nos planos iniciais, o solar do Barão do Serro Azul estava destinado para a implantação do Museu da Cidade (...). A ideia inicial é de construir um museu bastante diversificado, abrigando vários objetos, artísticos ou não, que contem um pouco da história de Curitiba”. Como se lê, respectivamente, em: Casa da Gravura atua já em janeiro. *Correio de Notícias*, Curitiba, 21 dez. 1979; e Museu de Gravura está só no papel. *Correio de Notícias*, Curitiba, 13 fev. 1979.

<sup>24</sup> Informações gerais disponíveis em: Solar do Barão: obras de restauração começam logo. *Diário Popular*, Curitiba, 16 ago. 1980; Em Curitiba, o “Solar do Barão” se transforma em centro cultural. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 set. 1981.

<sup>25</sup> Casa da Gravura atua já em janeiro. *Correio de Notícias*, Curitiba, 21 dez. 1979. Ecoando o discurso do prefeito Jaime Lerner, Sérgio Mercer se comprometeu com prazos semelhantes: o projeto de “se erigir o Museu da Gravura”, afirmou, deverá ser “realidade já nos primeiros meses do ano de 1980”. MERCER, Sérgio. Mostra anual de gravura, ano 2. In: *II Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba*, Curitiba, Centro de Criatividade, 19 dez. 1979 a 20 jan. 1980. Catálogo de exposição.

<sup>26</sup> O Centro de Criatividade de Curitiba funciona até hoje no espaço de uma antiga fábrica de cola restaurada e adaptada pelo arquiteto Roberto Gondolfi, dentro do Parque São Lourenço, em Curitiba. A partir de 1973, Fernando Calderari atuou como coordenador do ateliê de gravura do Centro.

<sup>27</sup> Em Curitiba, o “Solar do Barão” se transforma em Centro Cultural. *O Globo*, Rio de Janeiro, 16 set. 1981.

<sup>28</sup> DELY, Lidia. Casa da Gravura. 3 folhas, datilogr, Curitiba, nov. 1981 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).

<sup>29</sup> MERCER, Sérgio. [Apresentação]. In: *III Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba*, Curitiba, Solar do Barão, 06 nov. a 07 dez. 1980. Catálogo de exposição.

<sup>30</sup> Informações presentes em: Relatório Anual de Atividades da Casa da Gravura, 7 folhas, datilogr, Curitiba, [nov.] 1981 (assinado por Lidia Dely e disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).

<sup>31</sup> Os cursos foram abertos no dia 15 de março de 1981 e passaram a funcionar em ritmo de ateliê livre. O ateliê em metal funcionava às segundas, terças e quartas e o de litografia às quartas, quintas e sextas, sempre no horário das 14 às 18 horas, como se lê em: Casa da Gravura reabre cursos em novo atelier. *Diário do Paraná*, Curitiba, 20 fev. 1981; Em março, o curso na Casa da Gravura. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 20 fev. 1981.

<sup>32</sup> Atuante sobretudo em 1980, O Grupo era formado por seis artistas saídas do mesmo circuito cultural: Denise Roman, Laís Peretti, Mazé Mendes, Rosane Schlögel, Sandra Correia e Uiara Bartira. Em comum, todas partilhavam o fato de serem jovens, mulheres, gravadoras – especialmente litógrafas – e frequentadoras mais ou menos assíduas do ateliê de Fernando Calderari no Centro de Criatividade de Curitiba.

<sup>33</sup> BARTIRA, Uiara. Entrevista a Artur Freitas. Curitiba, 05 maio 2008.

<sup>34</sup> De 1979 a 1982, Denise participou da III Mostra da Gravura, Laís da III e da IV, sendo premiada nesta última, Mazé da V, Rosane da II e da IV, Sandra Correia da III, IV e V, com premiações na III e na V, e Uiara, por fim, de todas as Mostras, sendo premiada na V, conforme informações presentes nos catálogos das exposições.

- <sup>35</sup> Uiara Bartira Mauad expõe gravuras no Solar do Barão. *Diário do Paraná*, Curitiba, 01 ago. 1982.
- <sup>36</sup> CALDERARI, Fernando. [Apresentação]. In: *Exposição de Uiara Bartira*, Curitiba, Solar do Barão, 30 jul. a 20 ago. 1982. Catálogo de exposição.
- <sup>37</sup> Conforme as lembranças de Uiara Bartira e Denise Roman, em: BARTIRA, Uiara. Entrevista a Artur Freitas. Curitiba, 05 maio 2008; ROMAN, Denise. Entrevista a Artur Freitas. Curitiba, 29 abr. 2008.
- <sup>38</sup> A menção ao acordo pode ser encontrada em: Relatório Anual de Atividades da Casa da Gravura, 7 folhas, datilogr., Curitiba, [nov.] 1981 (assinado por Lidia Dely e disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão). Fruto desse acordo, a artista Janete Fernandes, então professora do curso de Educação Artística da Universidade Federal, levava seus alunos para ter aula de gravura no Solar do Barão. Foi nesse contexto, inclusive, que Andréia Las, então aluna da Federal e futura orientadora dos ateliês do Solar, se iniciou na gravura, conforme: LAS, Andréia. Entrevista a Artur Freitas. Curitiba, 10 mar. 2008.
- <sup>39</sup> BARTIRA, Uiara. Entrevista a Artur Freitas. Curitiba, 05 maio 2008.
- <sup>40</sup> “Em fevereiro [de 1982] deu-se início aos preparativos da sala: construção do tanque e iluminação, recuperação e confecção do arquivo de telas, transporte de móveis e instrumentos de serigrafia tais como: mesa de gravação, 20 secadores de madeira, pranchetas para desenho e faixas. Disposição de painéis e cartazes, em maioria feitos pelo orientador”. Relatório [semestral] de atividades das Oficinas de Gravura. 2 folhas, datilogr., Curitiba, Solar do Barão, 30 jun. 1982 (documento disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão). Vale lembrar ainda que somente em 1982 a Mostra da Gravura, então em sua quinta edição, aceitou inscrições de serigrafias.
- <sup>41</sup> Exemplo sintomático foi o curso de “Impressão litográfica”, do impressor Nelcindo da Roza: oferecido no início de 1982, o curso contou com alunos como Denise Roman, Sandra Correia, Rosane Schlögel e Uiara Bartira, além de outros futuros e atuantes artistas como Eliane Prolík, Leila Pugnaloni e Anete Skarbek, entre outros. Entre 1981 e 1982, ocorreram os seguintes cursos não-regulares de gravura no Solar: Fernando Calderari (gravura em metal), Newton Cavalcanti (xilografura), Nelcindo da Roza (impressão litográfica), Luiz Hermano (gravura em metal) e Violeta Franco (estampa em relevo). Para mais informações: Relatório [semestral] de atividades das Oficinas de Gravura. 2 folhas, datilogr., Curitiba, Solar do Barão, 30 jun. 1982 (documento disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão); Lista de frequência do Curso de Impressão Litográfica, 1 folha, datilogr. com assinaturas manuscritas, Curitiba, Solar do Barão, 01 fev. 1982 (documento disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- <sup>42</sup> DELY, Lidia. [Discurso de inauguração do Solar do Barão], 2 folhas, datilogr., [31 jan. 1983], transcrito em: Inauguração do Solar do Barão – exposição do acervo da Casa da Gravura, datilogr., Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba, 1983 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- <sup>43</sup> Palestra proferida em setembro de 1982 em Curitiba e transcrita em: DASILVA, Orlando. Mostra anual de gravura: breve depoimento. 5 folhas, datilogr., set, 1982 (disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).
- <sup>44</sup> Para quem se interessar, os regulamentos eram publicados nos próprios catálogos das Mostras, e também pode ser consultados nos Encadernados do Setor de Pesquisa do Solar do Barão.
- <sup>45</sup> Decisão do júri. In: *V Mostra Anual de Gravura Cidade de Curitiba*, Curitiba, Centro de Criatividade, 16 set. a 17 out. 1982, p. 11. Catálogo de exposição.
- <sup>46</sup> Uiara Bartira apud: Um quadro ameaçador na gravura. *Jornal do Estado*, Curitiba, 13 ago. 1983.
- <sup>47</sup> Relatório das atividades da coordenadoria e oficinas da Casa da Gravura, 3 folhas, datilogr., Curitiba, 31 out. 1983 (assinado por Laís Peretti e disponível no Setor de Pesquisa do Solar do Barão).